

A casa ~~do~~ do sr. Artur ~~de~~ ~~balcão~~ ~~vive~~
~~trabalha~~ ~~no~~ ~~em~~ ~~de~~ ~~estrada~~, ao fim da descida.
 tinha um andar onde vive com esposa, a tia
 Adalene, e por baixo "~~usava~~" uma oficina
 instalada. O sr. Artur fazia muito negócio,
~~por ser hábil e o inimigo das redondezas. Primeiro~~
 por não levar concorrência e repunha por
 os encomendas eram cada vez mais.
 Aquilo na sempre a cuidar. Chegava muitas
 vezes, por altura do fim do mundo, a ~~se~~
~~se~~ esgotar^o a madeira, o que o obrigava
 a parar por falta de matéria prima. Resolvia
 a situação recorrendo a fabricantes de es-
 de de. Isso fazia rubir o ruído e o cliente.
 geralmente de poucas peças, queixava-se.
 Mas é possível de fazer? Bem sempre a contaria
 uma colheita desproporcional.

Muito antes da guerra, no início de de-
 o de de, morreu um mundo e acabou a pen-
 de de ainda o ABC por ser tenro na idade.
 Isso, porém, não impediu a família de seguir
 a ponto de fugir da mãe e meter-se em
 casa de avó, ~~em~~ ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~. Na
 avó sempre havia momentos para brincar,
 algumas guloseimas fentadoras e, o mais
 importante, não tinha a vigilância constante
 e infestimento da mãe.

Sempre ~~de~~ ~~de~~ a estrada por casa de
 avó, ~~se~~ ~~de~~ ~~de~~ de espreitar as vidrarias de
 oficina do sr. Artur. Dentro amontoavam-se

- Sr. Antun - oficina
- Calimbo - Sr. Antun (tiran des medidas)
- mente do Sr. Antun

Calimbo descolore
a utilidade de los objetos de madeira

- Tris rad lona e chorar

mes de trabalho q os seus gestos lentos, mu-
ticulosos acrescentavam beleza à obra. Cali-
mbos vir-o tirar o lápis grosso de trás de
orelha, forçar o martelo, vomitar os dentes
q quando de na boca (todas as carpinteiros
guardam os pesos aí) e aí os dedos de mão
esquerda rocam a testa desmuda. Algo n' comu-
bem, Calimber admirava-o pela figura
estétrica, reflexiva do ~~homem~~ velho,
q ainda n' n' ~~era~~ velho de todo. De repente
mente dirigiu a vista pra a parte encimada de
e distinguem o minidodo. Os dois olhares encon-
traram-se. Ao Calimber apeteceu - ~~o~~ ~~paço~~
escapá-lo, mas ficou empedrado no mesmo
boeco de olho. O olho deu quatro passos
largos e pesados, abriu a porta:

- Glá! Quem é' q nos aqui temo?! -
resmoneou de exatone simpática. - Mas é
o neto de sua Maria?

O rapaz, um pouco intimidado, não
respondeu logo. ~~Mas os olhos~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~
~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~
grandes ^{de Maria} avaliavam a ~~figura~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~ ~~de Maria~~
figura do Sr. Antero.

- Quantos anos tens, meu menino?

Princalmente resolveu-se a responder:

- Tenho estes dentes - e alieta ~~na~~ ~~na~~ ~~na~~ ~~na~~ ~~na~~
de dedinhos, ^{rujos}.

- Cines? És quase um homem. No próximo
ano já vais para a escola.

- Eu não quero ir!

- Não queres ir? Aprender a ler, escrever e

11) contar é bom. Sabes, os meus paizinhos não me deixavam ir à escola. Naquela tempo havia muita fome e eu não tinha idade já trabalhar muito. Não tinha, qd ~~eu~~ eu - um burro velho, esado e com filhos, tive de aprender o AEIOU por causa do negócio. ~~Eu~~ Digo-te, meu filho: antes cedo q' tarde.

~~Eu~~ Calimbor não compreendia grande parte do discurso do velho. Ele sabia apenas q' a escola lhe trouxe a liberdade de correr, brincar, gritar qd muito bem entendesse. - A gente cresce no muito esperto: obrigamos os meninos a irem à escola, porque não nos dessem para saberem o q' era bom? O velho entrou no ano passado e contava-lhe o q' agnito ~~eu~~; uma mulher me sempre a achava ou a bater a quem não souber a sabuada, ou lá o q' era. Para a escola e q' ele não iria.

- O filho, até foi bom teres aparecido - continuou o sr. Artur. - Estou a fazer um trabalho q' é um bico-de-olho. As medidas não me dão certas; já várias vezes quebrei, serrei, e despequei e não me dá nem por nada. Entra, que me vais ajudar.

Há muito tempo q' o Calimbor ansia entrar ali, naquela sala semi-escura atulhada de caixas de medicação. Vistas de perto eram mais belas, mais estranhas, ainda. Boca aberta, circundou ~~o~~ o alho-o-olho. Desejava tocar-lhes, mas talvez o sr. Artur não sortasse.

5) — São lindas, não são? — interrompeu-o ~~ela~~
~~artificie~~ preparando uma fita métrica na
mesa de trabalho. — Vou cá, meu menino.
Preciso de um favorzinho teu. Mas tenhas cuidado,
não te sou fazer mal.

Begou no mundo pelos socos e sentou-o
na mesa.

— Pronto. Agora vais deitar-te ao compri-
do.

Calambres não compreendia, mas fez-lhe
vontade ~~de voltar~~. Paura de comprac.
— Se lhe fizere algum mal, diria ao
papa e então a' q' servem das! O vultote
feriu muito q' pedalar! Ao tecto, a volta
de lâmpada de luz amarela desmaiada,
viii feras e uma aranha negra e fria
à espera de moças. O sr. Artur, enquanto
ele estudava o tecto, desenrolava a fita
métrica, ~~o~~ media-lhe desde os ~~pes~~
estribados até à calcete esbelta e
apontava como lápis sobre um pedaço
de papel vegetal imundo.

— É meu menino, — proferia — tens o
famecinho ideal. Podes levantar-te.

— Por que quer as ^{minhas} medidas? — perguntou
sacudindo os calcetes e misalhos de
serviço e ~~pedaço de~~ loscos de pinho.

O vultote eocou a teste e pendurou o lá-
pis na orelha. Cambaleou tempo. Que
lucidez de dizer à Erianez? Mas
queria assustá-la, Anúscou:

6 - Filho: qual é o teu nome?
- Calimbro.
- 6º Calimbro, ^{you explain it:} estou a trabalhar neste... neste recipiente que aqui vê. Nos piores de calcular exatamente o tamanho, já depois não ter que fazer tudo de novo se as medidas estiverem erradas. Como podes ver, ~~tem~~ há-os de todos os tamanhos, já todas as idades. * (Vuchoi) Agor, qd por preciso um par a tua idade, já é o tempo. Está a perceber, filho?

- Não ~~é~~ é já a ruem?

- Já... já é ruem?! - o m. Antur heri. Já me reporto a dar. Por fim: - Tu és crescido, aho é deves saber! Todos estes caixos de madeira são para enterrar os mortos.

- Ah!... - mas o Calimbro não sabe bem o que chamamos mortos.

- Quando morres (morre e deixa de falar, de comer, de brincar), qd tu morres, metem-te dentro de um destes, fazem um buraco fundo, ~~metem-te lá dentro~~ ^{introduzem o caixão} e tapam com terra. ^o ^{ar}

Calimbro, por momentos, arrepiou num grito que não saiu.

- E depois não posso fugir?

- Não, fica lá para sempre.

→ Sentiu-se ameaçado, apesar de não saber bem porquê. De um salto de casa de mãe,

(*) → Este ~~a~~ apresenta um cenário enorme e é o maior q' aqui temho. Talvez um dia me nive.

① bufou pela porta fora e correu, correu. O sr.
Antes viu-o desaparecer na curva, fez
um gesto de ombros e continuou o trabalho.

Sempre q' Calimber dançava na port-
opierma, um modo aterrador de ser ^{agarrado} ~~partido~~
e metido num dos aqueles caixotes brilhantes
e xosperava-o. Por isso para q' o sr. Antur
o n' apunhasse, abraçou-o o pedaço
de madeira num correrio na ^{deficiência}
te. ~~Atira~~ O cullio de fardo, pardo, numec
o pitharia.

O mês chegou ao fim. seria outubro,
o tempo das estâncias, do vinho novo,
& apesar disso, as pessoas andavam tristes,
melancólicas. Até mesmo o Calimber. Bu-
dica + dois amigos: o ~~zequin~~ e o lino.
Entraram para a escola, tinham completado
doze anos de idade. ~~Para~~ No próximo
ano seria a sua vez. Nos n' e' q' de n' ic!

E é nume tarde de começo de primavera
nossa intima termino. Calimber reaparece
à mãe para esse do avô. Passando, porém,
a curva, viu, eis-entrando! uma
multidão de homens, ^{uns} vestidos de vermelho
~~branco~~ com bandeirolas na mão, outros
de preto a ~~conversarem~~ bisbilhotarem
aos ouvidos. Parou ~~tal~~ ^{na} caleta entre-
mã e sem saber se deveria escapar-se
na corrida habitual ou se deveria

③ esparrar por um o \bar{g} a contêêta. Pode vir um toco
- descerem pelo escalos do 1º andar de casa
seis homens negros e carregarem uma das
caixas brilhantes q̄ de timbre visto na
opieima. Aquela era enorme, larga,
os homens ~~debaixos~~ ^{estafecavam} de for trazer. Ia in-
ferna até à estrada. Após, Calimbu vir
a tria Filomena encaquilhada de ruto
aos gritos agudos, eio qd o papa betic
na mã.

~ Uma ida ferriul apodereve-se de r̄.
Atravessa a estrada - fureio de finar e
trouca - e foi apertar às vidreças de opi-
eima. Uezic! sobre e mes de trabalho,
um caixa pequenino. De rima, ~~faltava~~
um : o maior.

Setembro de 1990

fui B. N. elcho